

Reinventando a cidade

Ecio P. de Salles

Recentemente, um amigo paulista, com quem eu caminhava pela Lapa numa noite de quinta-feira, comentou que o bairro, que ele não visitava havia alguns anos, estava “a cara de Nova Orleans” – a animação das ruas, a música saindo das múltiplas casas de espetáculo, o movimento incessante das pessoas em meio à paisagem sonora da região.

Nesse momento, já estava empenhado na leitura do novo livro de Micael Herschmann *Lapa, cidade da música: desafios e perspectivas para o crescimento do Rio de Janeiro e da indústria da música independente nacional*. O curioso é que um dos autores citados pelo autor, Henrique Cazes, afirma a necessidade de investimentos nessa área, a fim de que o choro e a Lapa possam se tornar referências da cultura carioca, “algo como o que acontece com o jazz em Nova Orleans” (p. 38).

Coincidências à parte, *Lapa, cidade da música* se propõe a repensar a crise da indústria da música e as suas alternativas a partir do circuito cultural do samba e choro na Lapa. A começar daí, busca contribuir para a formulação de políticas públicas consistentes e mais democráticas. O texto inicial do livro já indica esse caminho de maneira decidida, ao criticar a decisão do governo carioca de construir um centro de música erudita – a Cidade da Música – na Barra da Tijuca, bairro nobre da cidade. Nada contra a música clássica: o autor apenas destaca que “mais uma vez, não se levaram em conta as tradições e hábitos culturais locais que nitidamente apontam o bairro da Lapa, no Centro do Rio, como uma espécie de ‘cidade da música do coração’ dos cariocas (e quiçá de alguns brasileiros)” (p. 11).

O primeiro ponto a notar é que o fenômeno de revitalização da Lapa indica a centralidade do papel desempenhado pela cultura – notadamente pela música – no desenvolvimento de determinadas localidades no país. Mais que isso, ele marca a iniciativa de indivíduos ou grupos locais que agem, pelo menos inicialmente, por conta própria, à margem tanto do Estado quanto das grandes gravadoras, como aponta Hermano Vianna na orelha do livro.

Herschmann desdobra e aprofunda neste livro a percepção que tinha desde as pesquisas que realizou para sua tese de doutorado, a respeito da conformação, nos anos 1990, no Rio de Janeiro e em São Paulo, de um vigoroso circuito alternativo associado ao funk e ao hip-hop. Trata-se do reconhecimento da vitalidade da indústria fonográfica independente do Rio de Janeiro e, por outro lado, os “sérios obstáculos na articulação e integração de significativos segmentos sociais (locais) com o mercado”. Ao mesmo tempo em que há dificuldades para que esse setor gere sustentabilidade, os

HERSCHMANN,
Micael.

*Lapa, cidade
da música.*

Rio de Janeiro:

Mauad X,

2007

gestores de cultura instalados nas três esferas de governo parecem não enxergar “a importância socioeconômica e política de se apoiarem esses (pequenos) artistas e empreendedores culturais dessa região do país. Infelizmente, para um grande número deles, a cultura continua representando um gasto e não uma oportunidade de crescimento das regiões e de solução de problemas sociais”.

A PRODUÇÃO DA CULTURA E A CULTURA DA PRODUÇÃO

Quem é da antiga na Lapa – eu (que comecei a frequentá-la no início da década de 1980 por conta do Circo Voador e, mais tarde, dos blocos afro e da Fundição) estou longe de integrar a “velha guarda” – sabe que do popular pastelzinho no saudoso Seu Cláudio ao sofisticado cabrito no Capela, as opções que o bairro oferece, sejam gastronômicas, culturais, arquitetônicas, históricas..., são múltiplas e variadas. Ficando apenas no campo dos gêneros musicais, pode-se dizer que a Lapa revela uma microcartografia da música brasileira e global: do forró ao reggae, do samba ao hip-hop, passando pelo rock, samba-reggae, *son*, salsa... Alguns deles em casas de espetáculo, outros na rua, mas a maioria de muita vitalidade. E ainda tem o Teatro do Oprimido e o Tá na Rua, a sinuca na rua do Riachuelo, práticas circenses, dança de salão, um universo complexo de alternativas aparentemente inesgotáveis.

Com essa vocação para abrigar o diverso e o contraditório, a Lapa gozou sempre de certa reputação (para alguns, má reputação) de boemia e marginalidade. Lar de bêbados, malandros, prostitutas e travestis... enfim, um lugar perigoso. Provavelmente por isso mesmo tenha sido, durante um longo tempo, abandonada à própria sorte. Sua contrapartida, entretanto, foi entregar-se de corpo e alma às inúmeras tribos que fizeram dali seu ponto de encontro. O que talvez não se esperasse é que a velha Lapa enfrentasse a própria decadência e, ainda uma vez, se reinventasse, curiosamente recorrendo em parte à sonoridade de uma época antiga na memória.

Lapa, Cidade da música trata justamente deste universo específico, aquele que percebeu no circuito do samba e do choro um recurso capaz de fortalecer os laços culturais e afetivos do bairro da Lapa com a cidade e, em certa medida, com o país; colaborar para o desenvolvimento sustentável e a ampliação do acesso à cidadania; e, finalmente, incrementar a dinâmica social, política e, em especial, econômica da região e seu entorno.

A motivação para dar a partida nesse processo viria das condições oferecidas pelo próprio bairro. Afinal, “a Lapa estava toda lá. Prontinha, mas ninguém aproveitava: os Arcos, os casarios, os antiquários etc.”, declara Lefê de Almeida, produtor musical do Arco da Velha e do Emporium 100, casas de espetáculo que são referência nesse contexto da recente revitalização da Lapa.

A primeira parte do livro, em que Micael Herschmann trata diretamente a questão do circuito do samba e choro é, em que pese o interesse das demais, a mais instigante. Aqui, a Lapa ganha vida e voz. “Desde a segunda metade dos anos 1990, esta localidade está vivenciando um novo ‘círculo virtuoso’ por iniciativa basicamente das lideranças locais, após passar décadas de relativo abandono” (p. 34).

Essas lideranças locais, que constituíram este novo momento de glória do bairro, narram os acontecimentos que conduziram ao estágio em que a Lapa se encontra hoje com o entusiasmo de quem participou de algum modo do processo. Em uma pesquisa de muito fôlego, o autor entrevistou nomes como o já citado Lefê de Almeida; Plínio Fróes (liderança da ACCRA — Associação dos Comerciantes do Centro do Rio Antigo e proprietário das casas de espetáculo Mangue Seco e Rio Scenarium); a atriz Ângela Leal (também liderança da ACCRA e proprietária do Teatro Rival); Maurício Carrilho (músico e proprietário da Acari Records); Hermínio Bello de Carvalho (historiador, compositor e crítico de música popular); Egeu Laus (presidente do Instituto Jacob do Bandolim); Carlos Tiago Alvim (proprietário do Carioca da Gema), entre muitos outros.

A partir desse “ressurgimento”, são criadas representações diversas sobre o bairro, entre as quais, e adquirindo um peso considerável neste contexto, as sonoridades ligadas à combinação samba-choro, como determinantes de um vetor de gosto. A partir do consumo desses “gêneros musicais”, considerados “autêntico” e de “raiz”, “e desse circuito cultural localizado no bairro histórico da Lapa, constituiu-se uma identidade e um estilo de vida em que os indivíduos são vistos como portadores de um gosto musical que ao mesmo tempo em que é ‘refinado’ e de ‘qualidade’, é também popular” (p. 49).

CRISE, PERSPECTIVAS E PROPOSTAS

O livro tem o grande mérito de mergulhar no universo da cultura popular, da Lapa e das rodas de samba e choro a um só tempo com paixão e disposição para pesquisa, colhendo informações que são preciosas não apenas para estudantes ou pesquisadores, mas para todo o leitor interessado em assuntos de cultura, música, sobretudo em sua interseção com a questão do território.

Por outro lado, Herschmann é rigoroso tanto no que diz respeito à pesquisa empírica quanto à análise teórica. De um lado, o autor recorre à história da tradição do samba e do choro e do próprio bairro cuja revitalização esses gêneros estão contribuindo para ativar. De outro, propõe uma estimulante combinação entre teorias da comunicação e econômicas para a análise do fenômeno que se propõe a investigar.

Na segunda parte, na qual disponibiliza importantes dados estatísticos, o autor aprofunda a investigação sobre a cultura e a indústria da música em um contexto de mudanças rápidas e radicais, com o aparecimento do MP3 e formas diferenciadas de distribuição. Aqui, a crise das *majors* e a oportunidade aberta para as gravadoras *indies* são pensadas em termos da constituição de novas perspectivas para a produção e circulação da cultura, em especial da música.

Finalmente, na terceira e última parte – em que apresenta o marco teórico do livro; um balanço das políticas públicas voltadas para a indústria cultural no Brasil e na América Latina nas últimas décadas; e um conjunto de reflexões com a finalidade de contribuir para a efetivação de políticas mais democráticas e capazes de garantir o desenvolvimento sustentável regional –, fica evidente a sua importância para o nosso tempo, uma vez que escapa do território das lamentações para afirmar perspectivas concretas de investimentos políticos que podem interferir positivamente sobre a indústria da música, mas também sobre a cidade, o estado e até o país.

Lapa, cidade da música conta ainda com prefácio de André Urani e um belo ensaio fotográfico sobre o bairro, de Antonio Fatorelli e Victa de Carvalho, além do já mencionado texto de Hermano Vianna na orelha do livro.

Trata-se de leitura prazerosa e necessária. Não apenas para pesquisadores acadêmicos, apreciadores de samba e choro ou freqüentadores da noite da Lapa, mas para todos os que se interessam em refletir sobre os caminhos de reinvenção da cidade, buscando modos mais democráticos, abertos e interessantes para a gestão dos territórios, geográficos e afetivos, e das relações neles estabelecidas.

ECIO P. DE SALLES é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da ECO/UFRJ.